



A trajetória de elaboração da noção saussuriana de sistema

The trajectory of elaboration of the saussurian notion of system

Micaela Pafume Coelho*

RESUMO: Neste artigo, buscaremos analisar a noção de sistema em três momentos das elaborações saussurianas: i) nos estudos comparatistas do linguista, especificamente entre 1878 e 1879, com o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*; ii) nos estudos sobre Linguística Geral efetuados no início da década de 1890, com o conjunto de manuscritos *Da essência dupla da linguagem*; iii) entre 1910 e 1911, na ocasião do último curso de Linguística Geral ministrado na Universidade de Genebra, com o conjunto de manuscritos *Notas para o curso III*. Com isso, poderemos conhecer a trajetória do processo de elaboração da noção de sistema de Saussure, bem como evidenciar de que maneira essa noção se relaciona com a busca do linguista pelas reformas metodológicas e terminológicas por ele reivindicadas para os estudos linguísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure. Noção de sistema. Trajetória de elaboração.

ABSTRACT: In this work, we aim to analyze the notion of system in three moments of saussurian elaborations: i) during the linguist's comparative studies, specifically between 1878 and 1879, with the "*Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*"; ii) in the studies on General Linguistics, carried out in the early 1890s, with the set of manuscripts "*L'essence double du langage*"; iii) between 1910 and 1911, in the occasion of the last course in General Linguistics given at the University of Geneva, with the set of manuscripts "*Notes pour le cours III*". Thereby, it will be possible to know the trajectory of the elaboration process of Saussure's notion of system, as well as to highlight how this notion is related with the search of the linguist for methodological and terminological reforms, claimed by him to linguistic studies.

KEYWORDS: Saussure. Notion of system. Trajectory of elaboration.

*Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), professora do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT).

1. Introdução

A relação teórica entre as reflexões de Ferdinand de Saussure e a noção de sistema parece ser tão antiga quanto o interesse do linguista pelos estudos da linguagem. Para ele, essa noção apresentava uma importância central desde a época precedente ao início da teorização que lhe rendeu o estatuto de fundador da Linguística Moderna, no século XX, uma vez que já se mostrava presente nos trabalhos desenvolvidos durante sua adolescência. Em uma carta enviada a Adolphe Pictet¹, em 1872², pedindo-lhe que lesse seu trabalho intitulado “Ensaio para reduzir as palavras do grego, do latim e do alemão a um pequeno número de raízes”, Saussure afirma:

Eu não teria escrito nada se, pelo hábito, eu não tivesse constatado como evidente um **sistema** que me intriga desde o ano passado; eu sempre tenho o hábito de fazer **sistemas** antes de estudar as coisas nos mínimos detalhes (SAUSSURE, 1872 apud CANDIAUX, 1974-1975, p. 10, grifo nosso, tradução nossa).

Mais do que isso, segundo De Mauro (1967, p. 321), Saussure via, já ao realizar esse seu primeiro trabalho no âmbito dos estudos da linguagem, a necessidade de coletar um grande número de fatos e de construir um sistema geral da linguagem (cf. DE MAURO, 1967, p. 322). Vemos, então, que o sistema demarca o modo como o linguista optava por efetuar seus estudos, desde muito jovem.

No entanto, Saussure não foi o primeiro a introduzir a noção de sistema nos estudos da linguagem. Ela já se fazia presente em trabalhos de diferentes épocas: na elaboração das gramáticas gregas, nas reflexões acerca da sinonímia e mesmo na teorização de outros estudiosos da linguagem também dos séculos XVII, XVIII e XIX. O sistema, tal como apresentado nas reflexões saussurianas, contudo, parece estabelecer

¹ Segundo Joseph (2012, p. 148), Adolphe Pictet era vizinho da casa de campo da família de Saussure e foi autor da obra *As origens indo-europeias ou os Aryas primitivos*.

² Cf. De Mauro (1967, p. 322); Normand (2009, p. 43).

uma relação, ao mesmo tempo, de continuidade e ruptura com a noção de sistema utilizada em alguns estudos da linguagem anteriores e contemporâneos a Saussure³.

Para tanto, neste trabalho, buscaremos analisar a noção de sistema em três momentos das elaborações saussurianas: i) nos estudos comparatistas do linguista, especificamente entre 1878 e 1879, com o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes (Mémoire)*; ii) nos estudos sobre Linguística Geral efetuados no início da década de 1890, com o conjunto de manuscritos *Da essência dupla da linguagem*; iii) entre 1910 e 1911, na ocasião do último curso de Linguística Geral ministrado na Universidade de Genebra, com o conjunto de manuscritos *Notas para o curso III*. Entretanto, tendo em vista a complexidade e a amplitude desses documentos, é importante ressaltar que não consideramos que seja possível lidar com toda a extensão desses materiais. Por isso, optamos por efetuar um recorte dos momentos desses documentos que possibilitem vislumbrar a teorização da noção de sistema de Saussure apresentada em cada um dos materiais com os quais nos propomos a trabalhar.

Com isso, poderemos conhecer, mesmo que inicialmente, a trajetória do processo de elaboração da noção de sistema de Saussure, bem como evidenciar de que maneira essa noção se relaciona com a busca do linguista pelas reformas metodológicas e terminológicas por ele reivindicadas para os estudos linguísticos. Nossa escolha em trabalhar com esses materiais justifica-se pelo fato de que eles consistem em documentos que registraram a teorização saussuriana em distintos momentos de seu processo. O *Mémoire*, após publicado, teve reconhecimento⁴ não só no universo acadêmico de Leipzig, seu lugar de publicação, mas também em Paris, onde Saussure passou cerca de dez anos de sua vida, dedicando-se aos estudos da linguagem.

³ Cf. Coelho, 2015.

⁴ O reconhecimento do *Mémoire* na Alemanha se deu de maneira atordoada. Isso pode ser observado nos manuscritos reunidos sob o título de *Souvenirs*, em que o próprio Saussure menciona, de acordo com Joseph (2012, p. 126), a ocorrência de uma acusação implícita de plágio, pautada nos trabalhos de K. Brugmann e H. Osthoff, sofrida por ele na ocasião de publicação de seu *Mémoire*.

O conjunto de manuscritos *Da essência dupla da linguagem*, embora não tenha sido publicado por Saussure, apresenta uma estrutura semelhante à de um livro, e consiste em mais de 300 folhas autógrafas do linguista acerca da Linguística Geral; representa, pois, o que parece ser o germe da teorização de Saussure acerca da língua em si. Além disso, por sua escrita ter se iniciado em 1891, ano em que o linguista retornou de Paris a Genebra, ele consiste em um marco, uma vez que, segundo Aarsleff (1982, p. 393), “Saussure não chegou a Paris, vindo de Leipzig e Berlim, com as ideias que geraram o *Curso de Linguística Geral*, mas também não deixou Paris sem elas”.

Por fim, a escolha das *Notas para o curso III* é pautada no fato de que essas notas consistem em um dos últimos registros de Saussure acerca da Linguística Geral. Além disso, segundo Bally e Sechehaye, o *Curso de Linguística Geral* foi formulado majoritariamente com base nas anotações de alguns dos alunos que estiveram presentes no terceiro curso de Saussure⁵. Portanto, analisar esse material pode mostrar de que modo a noção de sistema contribuiu para o processo de elaboração teórica de Saussure, possibilitando que suas reflexões sobre a língua permitissem a delimitação da Linguística enquanto ciência, sendo publicadas e difundidas, mesmo que postumamente.

2. O sistema e o *Mémoire*

O termo “sistema” consiste em um elemento componente do próprio título do único⁶ livro completo publicado por Saussure em vida: o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Segundo Joseph (2012, p. 221-222,

⁵ No “Prefácio à primeira edição” do *Curso de Linguística Geral*, os editores afirmam que se decidiram “por uma solução mais audaciosa [...]: tentar uma reconstituição, uma síntese [das elaborações de Saussure] com base no terceiro curso, utilizando todos os materiais de que dispúnhamos, inclusive as notas pessoais de Saussure” (BALLY; SECHEHAYE, 2006 [1916], p. 3). No entanto, as *Notas para o curso III*, embora conhecidas pelos editores, não foram utilizadas como fontes de elaboração da edição.

⁶ Davies (2006, p. 15) afirma que o *Mémoire* “remained the only full book that Saussure ever published”.

grifo nosso), esse memorial, publicado em 1878, em Leipzig, tratava-se de um “estudo amplo do **sistema** de vogais indo-europeu”, cujo objetivo, de acordo com o próprio Saussure, era “estudar as múltiplas formas sob as quais se manifesta o chamado *a* indo-europeu” (SAUSSURE, 1922 [1879], p. 3, grifo do autor, tradução nossa). Mais especificamente, Saussure buscava propor a hipótese de uma quarta forma do *a* existente no sistema de vogais das línguas indo-europeias.

Desse modo, é importante ressaltar que, nesse trabalho do linguista, a noção de sistema – assim como o trabalho em si – não se insere nas reflexões acerca da Linguística Geral. Dito de outro modo, o *Mémoire* não trata simplesmente de uma noção geral de sistema nos estudos linguísticos, mas de um **sistema das vogais nas famílias de línguas indo-europeias**.

Isso porque as comparações entre línguas e famílias de línguas, efetuadas pelos gramáticos comparatistas do século XIX, visavam a um objetivo maior: a reconstrução da chamada “língua-mãe”. Embora fosse apenas uma hipótese, as semelhanças existentes entre as línguas de diferentes regiões da Europa e da Ásia evidenciavam certo grau de parentesco entre elas, possibilitando que se acreditasse que houvera uma única língua que dera origem⁷ a todas as outras. Buscava-se, então, a partir das análises comparativas, a reconstituição das línguas passadas, de forma a estabelecer um caminho que retrocedesse em sua evolução, para que fosse possível chegar à língua-mãe. O estudo dos sistemas das vogais interessava, pois, por permitir conhecer, de forma mais específica, o processo de derivação das línguas da família indo-europeia.

⁷ Um dos motivos que tornam Saussure responsável pelo corte epistemológico nos estudos linguísticos, estabelecendo uma reviravolta, é o fato de o linguista interditar, de certa maneira, a busca pelas origens da linguagem. Segundo Saussure (2006 [1916], p. 86), “[...] nenhuma sociedade conhece nem conheceu jamais a língua de outro modo que não fosse como um produto herdado de gerações anteriores e que cumpre receber como tal. Eis porque a questão da origem da linguagem não tem a importância que geralmente se lhe atribui.”.

A concepção do sistema de vogais presente no *Mémoire*, contudo, parece partir de concepções já utilizadas por outros autores dos estudos da Gramática Comparada. Afirmamos isso, pois Saussure, no início de seu trabalho, faz uma breve apresentação dos estudos comparativos das vogais efetuados por alguns dos principais pesquisadores de sua época, expondo os modelos dos sistemas da vogal *a* elaborados por autores como Curtius e Schleicher:

Creemos representar exatamente o sistema de M. Curtius pela seguinte tabela:

Indo-europ.	a	ā
Europeu	a; e	ā
Mais tarde	ao; e	ā

(SAUSSURE, 1922 [1879], p. 4, tradução nossa).

Nós partimos, então, da ideia de um desenvolvimento histórico comum do vocalismo europeu, para formular, no esquema seguinte, o sistema de Schleicher:

Indo-europ.	a	aa	āa
Europeu	a e o	a o ā	ā

(SAUSSURE, 1922 [1879], p. 5, tradução nossa).

A elaboração desses sistemas de vogais nos estudos comparativos, segundo o que é exposto por Saussure na primeira parte do *Mémoire* – intitulada “Revisão das diferentes opiniões sobre o sistema das vogais *a*” –, parece servir para a análise das mudanças ocorridas ao longo do desenvolvimento das chamadas “famílias de línguas”. Assim, ao se estabelecerem esses sistemas da evolução das vogais das línguas indo-europeias, era possível que os estudiosos da Gramática Comparada apresentassem hipóteses – em direção ao encontro da língua-mãe – que se mostravam bastante prováveis, como a de que havia, em algum momento da história, uma língua falada por todos os povos da Europa. É esse o caso, especificamente, do trabalho de Curtius:

M. Curtius mostrou que o *e* aparece no mesmo lugar em todas as línguas da Europa, e que ele não pode, por consequência, ter se desenvolvido independentemente em cada uma delas. E partindo da crença de que a língua-mãe possuía apenas três vogais *a i u*, ele conclui que todos os povos europeus tinham passado por um período comum, em que falavam ainda uma mesma língua [...] (SAUSSURE, 1922 [1879], p. 4, tradução nossa).

Saussure faz, no *Mémoire*, a apresentação desses sistemas de vogais já existentes para utilizá-los, ao mesmo tempo, como forma de refutação e também como ponto de partida para o seu trabalho, tendo em vista que, a partir deles, o linguista visava evidenciar que o sistema da vogal *a* das línguas indo-europeias era composto, na verdade, “de quatro termos distintos, e não de três”, como defendiam os estudos de seus contemporâneos (SAUSSURE, 1922 [1879], p. 6). Desse modo, consideramos pertinente questionar em que consistia a noção de sistema no estudo comparatista, uma vez que seu uso era tão recorrente nos trabalhos desenvolvidos e considerando que ela apresentava um caráter bastante central no trabalho de Saussure.

Assim, a respeito do *Mémoire*, especificamente, ressaltamos que o termo “sistema” não é diretamente definido, mas parece ser caracterizado por algumas noções, as quais permitem que ele seja estabelecido enquanto uma noção. Podemos afirmar isso tendo como base a abordagem de Saussure das sonantes líquidas. Para encontrá-las, Saussure se utiliza do método de comparação, não só entre as diferentes línguas analisadas, mas também dessas línguas com os estados de língua⁸ anteriores, os quais originaram a ocorrência dessas sonantes na posição em que elas se encontram nas sílabas analisadas:

Tendo em vista o objetivo especial a que nos propomos neste capítulo [Capítulo 1 – As líquidas e as nasais soantes], tiramos das observações precedentes a seguinte vantagem: trata-se de que conhecemos o ponto preciso onde se deve esperar encontrar as

⁸ A expressão “estado de língua” não é utilizada por Saussure, embora seja possível identificar que sua análise recorre à comparação da língua atual com aquelas que a originaram.

sonantes líquidas e a partir do qual nós assistimos, por assim, dizer, sua formação; a **comparação**, por si só, de um *r* indiano com um $\alpha\rho$ grego é, de fato, apenas um **valor** precário, se não se vê como esse $\alpha\rho$ foi originado e se há uma probabilidade de ser um *ar* comum. **Sempre onde o *e* cai normalmente, sempre, particularmente, onde aparece o *i* ou o *u* autóctone, as líquidas soantes devem existir regulamente ou ter existido, se a posição das consoantes as força a funcionar como vogais** (SAUSSURE, 1922 [1879], p. 10, grifos nossos, tradução nossa).

Nota-se que, assim como já indica o nome “Gramática Comparada”, a comparação consiste no método essencial para que se alcancem os sistemas de vogais das línguas indo-europeias. No entanto, essa comparação se vale de alguns critérios para que seja realizada. Pelo que é exposto no trecho acima, é possível entender que a posição que a vogal analisada ocupa – ou deixa de ocupar – consiste em um critério de comparação que auxilia na identificação da existência ou não de características nas línguas antecedentes – por exemplo, a quantidade de *aa* existente em uma determinada língua, e as características que os diferenciavam.

A importância do aspecto posicional como critério da comparação das línguas é ainda reiterada pelo fato de que o valor das vogais só pode ser estabelecido pela função morfológica que a sílaba que elas compõem ocupa na palavra analisada. Tanto que os *a* do sistema de vogais proposto por Saussure só puderam ser diferenciados entre si por meio da análise das formações nominais e verbais que ocorreram a partir da evolução das línguas indo-europeias, bem como pela análise de suas características enquanto vogais: se são soantes líquidas, sonantes nasais etc. No entanto, o fato de essas características das vogais serem levadas em consideração na análise de Saussure indica que, ainda assim, a substância fônica consistia em um fator relevante para o estabelecimento do sistema de vogais.

Em contrapartida, a noção de valor é ressaltada como um elemento que emana da comparação opositiva e posicional das vogais. Dito de outro modo, para o sistema estabelecido por Saussure ao longo do *Mémoire*, as vogais têm algumas

características, mas não têm uma identidade *a priori*; elas apresentam, em vez disso, valores que são estabelecidos a partir da comparação dos termos analisados, tendo em vista a posição que ocupam nas sílabas e nas palavras.

Vemos, desde já, semelhanças entre a noção de sistema que fundamenta o *Mémoire* e a noção de sistema exposta no *Curso de Linguística Geral* (CLG), ou seja, aquela que envolve a relação concomitante entre os elementos componentes da língua. Ambas as noções de sistema possuem o valor como princípio a elas relacionado e, em ambas, o aspecto posicional deve ser considerado, bem como a noção de oposição. Afirmamos isso com base no trecho do *Mémoire* acima citado e também com base no fato de, no *Curso de Linguística Geral*, ser afirmado que:

o que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos. A prova disso é que o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido modificação (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 139).

Uma vez que não é especificado a que se refere o termo “modificação” no trecho acima, uma das formas de compreendê-lo consiste em considerá-lo como relacionado à posição dos elementos. Desse modo, ao se modificar o lugar de um dos elementos do sistema linguístico, pode ocorrer que outro elemento que não foi modificado, sofra, mesmo assim, alterações por consequência da alteração do primeiro. De forma prática, temos que, em uma frase, pode-se modificar o sentido de uma determinada palavra apenas por meio da alteração da posição que outro termo ocupa naquela sentença. Por exemplo, o significado da palavra “nós”, na frase “Havia só dois nós.”, modifica-se, se passarmos a palavra “dois” para sua direita: “Havia só nós dois.”. O termo “nós”, que antes adquiria a acepção de “junções”, “ligas”, “conexões”, sendo, portanto, um substantivo, passa a ser o pronome pessoal do caso reto na primeira pessoal do plural.

De modo semelhante, o aspecto relacional dos elementos das línguas não só se mostra presente nessa concepção de sistema utilizada por Saussure no *Mémoire*, como também consiste em um aspecto que faz com que o trabalho do linguista tenha um caráter vanguardista, quando comparado ao trabalho dos outros estudiosos da época. Isso porque a dificuldade de se estabelecerem as vogais estudadas positivamente fez com que Saussure “definisse certas vogais primitivas unicamente por suas relações com as outras” (BUYSENS, 1961, p. 20, tradução nossa). E é exatamente essa especificidade da metodologia utilizada por Saussure para delimitar as vogais do sistema primitivo das línguas indo-europeias que fez com que ele refutasse e colocasse em xeque os sistemas de vogais propostos por seus contemporâneos e antecessores.

Tal refutação é apresentada explicitamente no *Mémoire*:

Em geral, não nos é colocada nenhuma tarefa relativa ao *e* europeu, o fato de sua aparição concordante nas diferentes línguas é reconhecido por aqueles que apoiam os sistemas. Devemos, contudo, nos ocupar do *e*, uma vez que desejamos **colocá-lo em relação** com o *a*, e combater os argumentos que tendem a estabelecer que, em uma época qualquer, o *e* e o *a* (A) eram apenas um (SAUSSURE, 1922 [1879], p. 63, grifo nosso, tradução nossa).

Ora, se as vogais não possibilitavam uma definição positiva de si mesmas – mesmo sendo considerada sua substância fônica –, podendo ser estabelecidas apenas por meio do aspecto relacional, é possível afirmar, então, que a noção de sistema presente no *Mémoire* envolvia não só a noção de relação, mas também uma negatividade relativa dos termos analisados. Falamos em negatividade relativa, pois a substância fônica era considerada, mesmo que minimamente, nas análises comparativas das vogais – tendo em vista que o fato de ela ser uma sonante líquida ou nasal consistia em um fator que interferiria na distinção das vogais de uma determinada língua.

Então, por mais que fosse possível delimitar a identidade de cada *a* que compunha as famílias de línguas indo-europeias por meio da relação posicional e da oposição – o que evidencia um caráter negativo dos termos – essas vogais possuíam, de antemão, características essenciais. Tendo isso em vista, é importante ressaltar a seguinte afirmação de Buysens:

É aqui que apontamos a inovação genial de Saussure: ele define uma vogal pelas relações que servirão para estabelecer sua identidade; leva pouco em conta sua substância fônica. Há, então, uma filiação direta entre a concepção de vogais que se encontra no *Mémoire* e as declarações mais célebres do *Curso* (BUYSENS, 1961, p. 20, tradução nossa).

Apesar dessa semelhança entre as concepções de sistema expostas no *Mémoire* e no CLG, é importante ressaltar que elas não se confundem. No *Mémoire*, por se tratar da análise de vogais da família de línguas indo-europeias em busca de um sistema que indique quais são os diferentes *a* que compunham essas línguas, a significação das sílabas e das palavras é levada em consideração. Ou seja, o processo de evolução das línguas ocasiona processos que agem na modificação dos signos da língua, levando a um deslocamento da relação entre seus elementos componentes. No caso do processo etimológico da palavra francesa *noyer* (“afogar”), de acordo com o que é exposto no CLG, houve, de fato, mudanças na imagem acústica e no conceito: “[...] o latim *necare*, “matar”, deu em francês *noyer*, “afogar”. Tanto a imagem acústica como o conceito mudaram” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 89). Embora a análise realizada no *Mémoire* não se pautasse na concepção de signo que é exposta no CLG, é possível notarmos que a mutabilidade do signo pode afetar tanto o elemento mais material (que, no *Mémoire*, é o fonema), como também o mais conceitual (que, no *Mémoire*, é a significação).

Assim, na análise comparatista, vemos que não há como identificar e delimitar as vogais que compunham um sistema primitivo se não se considerar a significação

das palavras analisadas, uma vez que somente por meio dos fonemas, em conjunto com a significação, pode-se alcançar o lugar desses elementos nos estados de língua precedentes. Tanto que, no *Mémoire*, Saussure sempre se vale de exemplos de palavras das línguas analisadas – ou seja, de elementos positivos – para comprovar sua proposta de sistema vocálico:

No sistema do Amelungo, o *o* greco-italico e o *a* greco-italico (nosso *A*) remontam a uma mesma vogal primordial; todos os dois são a gradação do *e*. Se é constatado que nas línguas arianas a vogal que corresponde ao *a* greco-italico **em sílaba aberta** é um *ā* longo, assim como para o *o*, essa opinião encontra um ponto de apoio suficientemente sólido. De fato, o número de exemplos que se prestam a este evento é extremamente baixo. [...] Se se pesquisa, ao contrário, os casos possíveis de um *ā* ariano correspondente, em sílaba aberta, a um *a* (*A*) greco-italico, encontrar-se-á um exemplo de fato suficientemente importante: sânscrito *āgas*, próximo do grego *ἄγος*, mas que deve ser separado de *ἄγος*, *ἄγιος* etc. (SAUSSURE, 1922 [1879], p. 110, grifo do autor, tradução nossa).

A partir do que é exposto nesse trecho, observamos que, nas análises comparativas, as hipóteses sobre as vogais podem ser comprovadas pelo número de ocorrências dos fonemas **nas palavras**. Fora delas, era possível dizer pouca coisa a respeito das vogais estudadas. Tendo isso em vista, vemos que tanto a substância fônica como a significação consistiam em fatores que interferiam no estabelecimento de um sistema de vogais. Mesmo o sistema proposto por Saussure se pautava, ainda que minimamente, na consideração desses fatores.

De acordo com Buyssens,

a palavra *sistema* é utilizada para descrever as relações entre fonemas; trata-se somente de graus de apofonia, ou seja, de alternâncias fônicas em uma mesma sílaba radical ou de sufixo, e corresponde, no caso dos verbos, às alternâncias regulares no plano da significação. Não há, ainda, a concepção de um sistema de relações fônicas sem vínculo com a significação; mas um grande passo à frente foi dado (BUYSENS, 1961, p. 18, tradução nossa).

Tal como havíamos ressaltado, nota-se que a noção de sistema utilizada por Saussure em seus estudos expostos no *Mémoire* pautava-se, segundo Buysens (1961), no funcionamento das alternâncias fônicas das vogais das línguas indo-europeias, evidenciadas pelas análises efetuadas pelo linguista. Assim, “por meio das variações históricas, ele encontra o sistema primitivo” (BUYSENS, 1961, p. 20, tradução nossa). Nesse sistema, contudo, as alternâncias dos sons eram consideradas de forma vinculada às suas significações, vínculo este que, mais tarde, no conteúdo exposto durante os cursos de Linguística Geral ministrados pelo linguista, seria analisado sob uma nova ótica⁹.

Desse modo, notamos que Saussure não se restringiu à metodologia comparatista habitual de análise das línguas, por mais que fizesse parte de uma forte tradição dos estudos comparatistas e desenvolvesse trabalhos que se inserissem nesse campo de estudo. Nesse sentido, consideramos pertinente destacar que a noção de sistema presente no *Mémoire*, um dos seus feitos mais importantes, contribuiu de forma significativa para que Saussure rompesse com esse método de estudo tradicional, uma vez que possibilitou que o linguista observasse que a identidade das vogais das línguas estudadas não era dada de antemão, mas sim conseguida pela relação que estabelecia com as outras vogais.

Portanto, já nessa concepção de sistema voltada para o estudo das vogais de línguas – e não da língua, enquanto objeto da Linguística –, é possível observar alguns dos traços que compõem a concepção de sistema pensada por Saussure para explicar o funcionamento linguístico de forma geral. Como Buysens (1961, p. 20) mesmo afirma, há, de fato, uma filiação entre a noção de sistema no *Mémoire* e a noção de sistema exposta no *Curso de Linguística Geral*, cuja publicação póstuma

⁹ No *Curso de Linguística, Geral* é possível observar que não é o som em si que estabelece relação com a parte conceitual dos termos linguísticos, mas sim a imagem acústica, ou seja, a impressão psíquica que se tem desses sons. Além disso, nesse momento, Saussure resalta que a relação de significação, ou seja, o vínculo que une um conceito a uma imagem acústica é arbitrário; todavia, uma vez estabelecido, tal vínculo se torna necessário (cf. SAUSSURE, [1916] 2006).

ocorreu apenas em 1916. Assim, ainda que, segundo Silveira (2007, p. 54, grifo da autora), “não seja possível identificar um caminho claro das **leis fonéticas** em direção à **noção de sistema**” no âmbito da Linguística Geral, consideramos válido analisar a trajetória de elaboração da noção saussuriana de sistema nesse ínterim. Por isso, no tópico a seguir buscaremos elencar trechos do conjunto de manuscritos *Da essência dupla da linguagem*, em que Saussure utiliza ou apresenta caracterizações da noção de sistema em sua teorização sobre Linguística Geral.

3. O sistema e a essência dupla da linguagem

O conjunto de manuscritos intitulado *Da essência dupla da linguagem* começou a ser escrito por Saussure no ano de 1891 (CHIDICHIMO; GAMBARARA, 2008, p. 113). Ele pertence à leva de manuscritos cedidos à Biblioteca de Genebra no ano de 1996 e foi catalogado por R. Engler e codificado sob a sigla AdeS 372¹⁰. Além disso, esse conjunto de manuscritos é paginado e apresenta uma divisão, feita pelo próprio catalogador, em 29 capítulos, os quais, por sua vez, apresentam subdivisões demarcadas por letras, em ordem alfabética. Tendo isso em vista, em nossa busca pelo modo como a noção de sistema se define nesse documento – que apresenta a teorização de Saussure acerca da Linguística Geral logo após seu retorno a Genebra – seguiremos a paginação sugerida pelo catalogador, bem como as indicações e nomeações dos capítulos e subtítulos atribuídos pelo autor.

Desse modo, ressaltamos que a primeira menção ao termo “sistema” compõe um momento da teorização do conjunto de manuscritos que se encontra na parte intitulada¹¹ “Valor e formas”. É, então, pouco surpreendente o fato de que, nesse momento, a noção de sistema esteja diretamente relacionada, em princípio, a duas

¹⁰ Consideramos interessante ressaltar o fato, também exposto por Silveira (2011), de que esse mesmo conjunto de manuscritos apresenta uma segunda versão, codificada como AdeS 372bis, que consiste no documento utilizado em nossas análises.

¹¹ Título dado pelo próprio catalogador.

outras noções do quadro teórico saussuriano: a de valor, enquanto componente do sistema de língua, e a de forma, tendo em vista que a expressão “sistema de língua” é equiparada à expressão “sistema morfológico”, como podemos ver a seguir:

Nunca é demais insistir que os valores dos quais se compõe primordialmente um sistema de língua, (um sistema morfológico), um sistema de sinais não consistem nem nas formas nem nos sentidos, nem nos signos nem nas significações. ~~Ele consiste em~~ Eles consistem na solução particular de uma certa relação geral entre os signos e as significações, fundada sobre a diferença geral dos signos + a diferença geral das significações + a atribuição anterior de certas significações a outros signos ou reciprocamente, [...] (SAUSSURE, 1891, *De l'essence double du langage*, f. 3g – 1).

O sistema de língua é composto, então, segundo o que é exposto no manuscrito, por **valores**, os quais não são nem as formas, nem os sentidos, nem os signos nem as significações, tomados isoladamente. Esses valores que compõem o sistema linguístico são resultantes da **relação** entre signos e significações¹² (imagens acústicas e conceitos), relações estas que só se estabelecem por meio das **diferenças** existentes entre as imagens acústicas, somadas às diferenças existentes entre os conceitos, as quais são somadas, por fim, às diferenças entre os signos, enquanto totalidade resultante da relação entre os seus elementos componentes.

Ou seja, Saussure parece indicar, desde já, que o sistema da língua é intrinsecamente dependente das noções de diferença, relação e valor, e que os valores que compõem esse sistema podem ser considerados sob três óticas distintas: i) nas

¹² Há uma flutuação terminológica concernente aos termos “signo” e “significação”. Os termos não são utilizados do mesmo modo como são apresentados no *Curso de Linguística Geral*, ou seja, o signo como a totalidade que envolve o significante e o significado e a significação como a relação entre os elementos componentes do signo. Ao longo de todo esse conjunto de manuscritos, é possível notar que os termos “signo” e “significação” são utilizados constantemente para designar os conceitos, respectivamente, de imagem acústica/significante e de conceito/significado.

relações de diferença entre os significantes (signos); ii) nas relações de diferença entre os significados (sentidos); iii) nas relações de diferença entre as totalidades¹³.

Ademais, é importante notar que, para o linguista, o funcionamento dos valores de um sistema de língua não difere daquele de um sistema morfológico ou de um sistema de sinais, uma vez que essas três expressões são colocadas como análogas no momento apresentado. Assim, se o funcionamento de um sistema de língua se iguala ao funcionamento de um sistema morfológico e a um sistema de sinais, questionamos: poderia a língua ser diretamente equiparada às formas e aos sinais?

Acerca dos últimos, cremos que se trata, na verdade, de uma delimitação terminológica ainda pouco clara, a qual ora designa os elementos da língua como “signos”, ora designa-os como “sinais”. Essa terminologia obscura consiste, assim como as flutuações terminológicas do CLG, em uma marca¹⁴ da trajetória de elaboração da teorização de Saussure sobre Linguística Geral. Não há, no trecho, nada que indique uma diferença significativa entre os conceitos de signos e sinais, havendo, portanto, a possibilidade de tomá-los como um só conceito, e de aproximá-lo ao conceito de língua. Apesar disso, ainda assim é possível observar que essas marcas indicam o caminho de uma teorização que tem, aos poucos, seus conceitos e seus princípios delimitados, e sua terminologia ajustada.

No que diz respeito às formas, para que a questão seja elucidada, cremos ser importante analisarmos o momento a seguir, do conjunto de manuscritos, em que Saussure visa esclarecer em que consistem as formas na língua:

¹³ É importante observar uma semelhança entre essas três óticas e a divisão estabelecida no capítulo “O valor linguístico” do *Curso de Linguística Geral*, dos modos possíveis de se considerar o valor, a saber: i) o valor linguístico considerado em seu aspecto conceitual; ii) o valor linguístico considerado em seu aspecto material; iii) o signo considerado em sua totalidade.

¹⁴ Retomamos, aqui, o trabalho de Silveira (2007).

Não se pode definir o que é uma forma com a ajuda da figura vocal que ela representa, – e tampouco com a ajuda do sentido que ~~ela~~ contém essa figura vocal.

Fica-se obrigado a colocar, como fato primordial, ~~uma~~ o fato GERAL, COMPLEXO e composto de DOIS FATOS NEGATIVOS: da diferença ^{geral} das figuras vocais associada à diferença geral dos sentidos que se pode atribuir a elas. (SAUSSURE, 1891, *De l'essence double du langage*, f. 3g – 2).

O método utilizado por Saussure para definir a expressão “forma” é, *a priori*, negativo, isto é, para defini-la, o linguista parte, primeiramente, da explicação do que ela não é. Nesse sentido, no que tange ao sistema linguístico, a forma não consiste nem na figura vocal nem no sentido que se vincula a ela. Mais do que isso, ela se baseia em um fato tachado por Saussure como “primordial”, “geral” e “complexo”, e que é constituído de dois fatores **negativos**: a diferença das figuras vocais e as diferenças dos sentidos. A forma, então, só pode ser delimitada por relações de diferenças, sendo, portanto, uma entidade negativa. Assim, vemos que as noções de negatividade e diferença constituem duas outras noções que podem ser consideradas como componentes do quadro teórico saussuriano, assim como a noção de sistema.

Retornando à questão que efetuamos anteriormente, vemos que as formas talvez não possam ser diretamente comparadas à língua, mas parecem se comportar como os constituintes que a compõem, uma vez que o modo como são estabelecidas equivale ao modo de funcionamento dos valores da língua (que são responsáveis pelo estabelecimento dos signos). Sendo assim, cremos ser importante destacar que, ao que parece, nesse conjunto de manuscritos, a noção de valor impera na constituição dos elementos da língua – denominados por diferentes termos – e, além disso, a noção de sistema se mostra, desde então, como uma grandeza maior, que permite que as relações de valor, diferença e negatividade sejam estabelecidas.

Isso pode ser notado de maneira mais clara no trecho a seguir, em que Saussure apresenta o estudo da língua enquanto sistema como elemento primordial que permite a existência dos componentes da língua:

Todo estudo de uma língua como sistema, [ou seja, de uma morfologia] consiste, como se preferir, no estudo do emprego das formas, ou naquele da representação das ideias. O errado é pensar que há, em alguma ~~de uma~~ parte, formas, ~~e de outra~~ (que existem por si mesmas ideias (fora de seu emprego), ~~e de~~ ^{alguma parte} ~~de outra~~ ideias (que existem por elas mesmas fora de sua representação) (SAUSSURE, 1891, *De l'essence double du langage*, f. 5a – 2).

Saussure afirma que o estudo da língua enquanto sistema nada mais é do que o “estudo do emprego das formas” ou o “estudo da representação das ideias”. Nesse sentido, é possível perceber que, fora desse sistema, não há formas ou ideias que existam por si mesmas, fato que nos leva a crer que o sistema, em conjunto com suas noções expostas anteriormente (de relação, valor, diferença e negatividade), consiste em condição *sine qua non* para que haja, na língua, ideias e formas.

No entanto, como podemos observar, Saussure afirma que as formas estabelecem uma relação de representação das ideias no interior do sistema linguístico. Assim, tendo em vista que os princípios que regem o funcionamento do sistema linguístico, pelo que foi exposto até agora, são as relações de valor, negatividade e diferença, questionamos: como pode haver uma relação de representação entre os elementos da língua, mesmo que seja uma representação de ideias? Essa questão pode ser mantida também ao se analisar o trecho abaixo, no qual, contraditoriamente, Saussure fala não de representação, mas de uma “combinação” entre formas e sentidos:

Forma implica: DIFERENÇA: PLURALIDADE. (SISTEMA?).
SIMULTANEIDADE. VALOR SIGNIFICATIVO.

Em resumo:

FORMA = Não uma certa entidade positiva de uma ordem qualquer, ~~mas~~ e de uma ~~A-entidade~~ ordem simples, mas a entidade ^{ao mesmo tempo} negativa ~~x-estando da diferença~~ e complexa: Resultante ~~da diferença~~ em (sem nenhuma espécie de base material) da diferença com outras formas COMBINADA à diferença de significação de outras formas. (SAUSSURE, 1891, *De l'essence double du langage*, f. 5a – 2).

Em princípio, vemos, novamente, uma preocupação do linguista em definir e caracterizar o conceito de forma no âmbito da língua. Assim, Saussure afirma que ela (a forma) implica as noções de diferença, pluralidade, sistema, simultaneidade e valor significativo. No entanto, é importante notar que o termo “sistema” é apresentado entre parênteses e seguido de um ponto de interrogação, o que indica, muito provavelmente, uma hesitação do linguista em considerar esta noção como implicativa das formas da língua. Levantamos, então, outra questão: qual a razão dessa hesitação perante a relação entre as noções de forma e de sistema, visto que, nos trechos anteriores, o sistema aparece, muito claramente, constituindo as caracterizações de forma e sendo caracterizado por essa noção? Talvez esse questionamento possa ser respondido pelas próprias condições que envolvem o processo de identificação e de catalogação das folhas manuscritas, muito embora este seja um âmbito que não nos cabe tratar nos limites de nosso trabalho.

A respeito do tipo de relação existente entre as formas e os sentidos (ou significação), vemos que Saussure trata, nesse trecho, de uma relação de diferença entre as formas que se **combina** às diferenças entre as significações. A noção de representação de ideias, portanto, não entra em questão, o que, a nosso ver, é bastante plausível, uma vez que as noções implicativas da forma (diferença, pluralidade, sistema, simultaneidade e valor) permitem mais que tal conceito estabeleça relações de vínculos – ou combinatórias – do que relações de representação. Nesse sentido, cremos que a utilização do termo “representação” para indicar o tipo de relação existente entre forma e sentido na língua, trata-se, na verdade, também de uma proposta terminológica inicial. Isso porque, mesmo nos trechos em que Saussure fala de representação, as noções de sistema, diferença, negatividade e relação mostram-se presentes, como foi possível ver nos trechos anteriores.

A nosso ver, essa possível variação da terminologia se configura, assim como aquela referente aos conceitos de signos e sinais, como uma marca do processo de

elaboração das reflexões de Saussure. Essa marca é reincidente em outros documentos que atestam a teorização do linguista, constituindo-se como elemento componente do próprio CLG, no trecho “A língua é um sistema de signos que exprimem ideias” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 24). Esse nosso ponto de vista a respeito da questão do tipo de relação existente entre os elementos da língua pode ser ainda reforçado pelo seguinte fragmento, em que Saussure parte da sua concepção de sistema de língua pautada em diferenças para negar que o funcionamento da mesma seja fundamentado por relações diretas entre os signos e as coisas.

presença de outros termos. Enfim, não há necessidade de dizer que a ~~coexistência~~ ^{diferença} dos termos que faz o sistema da língua não corresponde em nada, mesmo na língua + perfeita, ~~a uma relação verdadeira de coisas. O conjunto em~~ ^{às} relações verdadeiras entre as coisas, ~~e que não há, portanto, nenhum laço~~ e, por consequência, não há nenhuma razão de esperar que os termos se apliquem completamente ^{ou mesmo muito incompletamente} aos objetos-definidos, materiais ou outros. (SAUSSURE, 1891, *De l'essence double du langage*, f. 26 – 4).

Assim, vemos que a noção de sistema, em conjunto com as noções a ela relacionadas, permite pensar a língua, dessa vez, de forma não pautada na representação, o que distancia a reflexão saussuriana das concepções de alguns estudiosos que consideravam a língua enquanto nomenclatura¹⁵. Ademais, é possível notar que o estudo da língua enquanto sistema, tal como é efetuado por Saussure em sua teorização acerca da Linguística Geral, permite também quebrar com o paradigma histórico de análise das pesquisas em Gramática Comparada, visto que evidenciou, para além de um ponto de vista histórico, que a língua pode ser observada estaticamente, ou seja, independentemente de sua história:

~~ponto de vista histórico~~; infeliz=~~mente~~, a maneira de formular os fatos ~~em~~ ^{entre} cada um desses estados de língua tomados em si mesmos ~~verdade não~~

¹⁵ Essas concepções são tratadas de forma mais específica em Coelho (2015).

~~científica~~ é, até agora, eminentemente empírica, ou então, o que é muito pior, corrompida desde o princípio pela interferência ~~na~~ que se diz científica dos resultados da his=~~t~~ória em um sistema que funciona ^{repetimos} completamente independente da história. (SAUSSURE, 1891, *De l'essence double du langage*, f. 9 – 3).

Segundo Saussure, o sistema da língua funciona de maneira totalmente independente da história, estando, portanto, diretamente vinculado à noção – denominada pelo linguista posteriormente – de sincronia. Então, ao que parece, considerar **unicamente** a história em uma análise de um estado de língua seria corromper¹⁶ seu modo de funcionamento enquanto sistema. Isso coloca em xeque até mesmo o caráter científico desse tipo de análise – cujo método exclusivamente histórico é identificado nos estudos comparatistas. O que é dito acima consiste, pois, em uma crítica de Saussure a esses estudos das línguas que tinham como propósito exclusivo a comparação histórica. Essa crítica ao método comparatista compõe também o conteúdo do CLG, como podemos ver no fragmento a seguir:

Esse método exclusivamente comparativo acarreta todo um conjunto de conceitos errôneos, que não correspondem a nada na realidade e que são estranhos às verdadeiras condições de toda a linguagem (SAUSSURE, [1916] 2006, p. 10).

Assim, vemos que Saussure criticava o método dos estudos linguísticos de sua época, pois, com ele, não se podiam alcançar as “verdadeiras condições de toda a linguagem”. A partir disso, é possível observar que há um interesse do linguista pela busca de um modo de funcionamento inerente ao objeto de estudo da Linguística. Ao que parece, este interesse surge da refutação dos resultados obtidos pelos estudos da linguagem realizados por seus

¹⁶ Consideramos importante ressaltar que, apesar de haver a independência do sistema linguístico em relação à história, ela não consiste em uma negação ou um abandono da diacronia, fato que será melhor evidenciado no tópico a seguir.

contemporâneos. Essa refutação é indicada no *Mémoire*, com o método relacional, posicional e opositivo de se estabelecer o sistema primitivo de vogais das línguas indo-europeias, e também no CLG, em que a noção de sistema tem sua importância ressaltada por ser imprescindível tanto para o funcionamento da língua, quanto para a ótica sincrônica do objeto.

Com isso, retornando ao último trecho mencionado do manuscrito *Da essência dupla da linguagem*, podemos perceber que a noção de sistema se vincula a mais uma noção do quadro teórico saussuriano: a de **estado de língua**: “a maneira de formular os fatos ~~em~~ ^{entre} cada um desses estados de língua ^{tomados em si mesmos}” (SAUSSURE, 1891, *De l'essence double du langage*, f. 9 – 3). O modo de funcionamento da língua enquanto sistema só pode ser notado quando se consideram os fatos linguísticos a partir de um ponto de vista sincrônico. Assim, podem ser percebidas as relações de diferença, de valor e o caráter negativo dos elementos da língua, funcionando, ao mesmo tempo, de modo a formar o sistema linguístico e também em decorrência dele.

Nessa mesma linha de raciocínio, Saussure, visando explicar o funcionamento¹⁷ do sistema da língua, vale-se de uma metáfora pautada no funcionamento do sistema de sinais marítimos, explicando como seus elementos componentes adquirem valor por meio de sua oposição com os elementos que o circundam:

O sistema da língua pode ser comparado, com proveito ^{e em todos os sentidos}, embora a comparação seja das mais grosseiras, a um sistema de sinais marítimos obtidos por meio de bandeiras de diversas cores. ~~Desde que a bandeira não seja içada, e que ela descanse, não há razão de existência, a não ser aquela de uma peça de tecido e é falso supor que essa existência seja nula~~ quando uma bandeira balança no meio de várias outras do mastro de [...] há duas existências: a primeira é ser uma peça de tecido vermelha ou azul, a segunda é ~~concorrer por sua diferença com~~ ser um signo ^{ou um objeto} ~~percebido por~~ ^{entendido} como ^{dotado de} um ^{sentido} implicativo, pelo \times qual ele é per--cebido. Notamos

¹⁷ No trecho referido, vemos que, assim como no CLG, a noção de sistema parece estar vinculada tanto à noção de estado de língua como ao funcionamento do objeto de estudo da Linguística.

~~imediatamente~~ que sem essa da segundo existência tem um triplo os 3 caracteres eminentes dessa segunda existência.

1º Ela existe ~~apenas~~ ^{apenas em virtude} do pensamento que se liga a ela ~~fora do que é suficiente também para que ela seja, ao mesmo título que enquanto~~ que ele é exatamente o mesmo de uma palavra, cuja primeira existência é ser uma “peça de tecido” ≠ uma figura vocal; 2º e a segunda 2º ~~O sinal marítimo não existe pelo pensamento~~ tudo o que representa para o espírito o sinal marítimo [de uma bandeira vermelha ou azul] ~~vem~~ ^{procede}, não do que ele é, não do que se dispõe a associar a ele, mas exclusivamente do pensamento simultâneo dessas 2 coisas: 1º da diferença com os outros signos içados que figuram em um mesmo momento 2º de a sua diferença ~~de um outro com com os que é aquela na~~ ^{de um outro com com os que é aquela na} com outros ^{com} os signos que poderiam ser içados em seu lugar, e no lugar dos signos ~~com x tantos~~ que o acompanham. Fora dessas duas diferenças ^{elementos negativos} se se pergunta onde ~~está~~ ^{reside} a existência positiva do signo, vê-se imediatamente que não há ~~nele~~ nenhum ponto possível e é em [...] (SAUSSURE, 1891, *De l'essence double du langage*, f. 12 – 4/12 – 5).

Saussure parece enxergar os limites dessa comparação entre o sistema linguístico e o sistema de sinais marítimos, uma vez que a qualifica como “grosseira”, embora não deixe de notar que ela consiste em uma metáfora proveitosa. Assim, ele mostra que os elementos que compõem o sistema de sinais marítimos são as bandeiras de diferentes cores, as quais, segundo o que foi escrito e em seguida rasurado pelo linguista, existem enquanto sinais somente quando içadas. No entanto, ainda de acordo com esse trecho rasurado, embora a razão de ser desses sinais, ao que parece, só exista pela sua função no sistema, supor que essa existência seja nula em um momento em que a bandeira não esteja içada consiste em uma ideia falsa. Apesar de parecer que esse raciocínio tenha sido, de certa forma, abandonado por Saussure, visto que se trata de um trecho todo rasurado da citação acima, o trecho seguinte o retoma, indicando uma reformulação do que havia sido exposto.

O linguista inicia esse novo trecho considerando não a existência da bandeira em si, enquanto um sinal isolado, mas o seu valor perante as outras bandeiras que também compõem o sistema de sinais marítimos. Essa relação opositiva engendra a

existência da bandeira sob dois pontos de vista: enquanto o objeto feito de tecido, e enquanto sinal componente do sistema marítimo, o que significa considerá-la ainda enquanto objeto, mas dotado de um sentido específico. Esse segundo ponto de vista, por sua vez, possui, segundo Saussure, três características intrínsecas, das quais apenas duas são expostas: i) a bandeira, enquanto sinal, existe apenas “em virtude do pensamento que se liga a ela” e, além disso, ii) esse sinal só pode ser delimitado por aquilo que ele não é, ou seja, pela relação de diferença que uma bandeira específica estabelece tanto com as outras bandeiras que são içadas ao mesmo tempo que ela, como com aquelas que poderiam ter sido içadas em seu lugar, mas não o foram.

Logo, torna-se claro que o signo, seja ele pertencente ao sistema marítimo ou ao sistema linguístico, não possui uma existência positiva, mas sim negativa, opositiva e diferencial. Essas características que, nesse trecho, foram atribuídas ao sistema linguístico de maneira tangencial, por meio da metáfora explicitada, apresentam-se relacionadas à língua de maneira mais precisa na proposição colocada por Saussure no fragmento a seguir:

Proposição (x). – Considerada de qualquer ponto de vista que queira levar em conta sua essência, a língua consiste, não em um sistema de valores absolutos \times ou posi=tivos, mas em um sistema de valores relativos e negativos, não tendo existência, a não ser pelo ~~efeito~~ efeito de sua oposição. (SAUSSURE, 1891, *De l'essence double du langage*, f. 26 – 4).

Nessa proposição, Saussure nega que a essência da língua seja pautada em um sistema de valores **absolutos** ou **positivos**, afirmando, em contrapartida, que o sistema que compõe sua essência é fundamentado por valores **relativos** e **negativos**, cuja existência depende de seu caráter **opositivo**. Nesse fragmento, então, o linguista apenas afirma, de forma mais clara e direta, o que afirmara ao longo da maioria dos trechos analisados anteriormente, por meio da inter-relação existente entre a noção de sistema e as noções de valor, oposição, diferença, relatividade e negatividade. Ao

que parece, então, nesse fragmento, a noção de sistema é apresentada de maneira mais explícita e, por consequência, mais consistente, visto que, além de negar as características que não a compõem, Saussure também apresenta de forma clara as noções que a constituem.

A nosso ver, essa consistência, paradoxalmente em conjunto com as flutuações terminológicas, rasuras, brancos e oscilações conceituais encontradas em grande parte do conjunto de manuscritos, possibilitou que o linguista enxergasse uma concepção de sistema pautada no funcionamento da língua e intimamente relacionada à noção de estado de língua. Em contrapartida, essa concepção de sistema talvez não tivesse vindo à tona se o linguista não se valesse, ao mesmo tempo, de algumas concepções de sistema já antes utilizadas nos estudos da linguagem, estabelecendo, assim, uma relação de ruptura e continuidade. Isso pode ser observado nos dois trechos seguintes, que finalizam este tópico de nosso trabalho:

fato secundário. O fato primário e fundamental, é que não importa qual seja o sistema de signos que se coloque em circulação, se estabelecerá ~~quase~~ instantaneamente uma sinonímia, já ~~que~~ o contrário seria impossível e equivaleria a dizer que se atribuem valores ~~à opo~~-opostos a signos opostos. No momento em que lhe é atribuído um, é inevitável que uma oposição de ideias quaisquer ^{vinda de surpresa,} se acomode ~~em~~ seja em 1 signo ^{existente} por oposição a 1 ~~ou 2~~ ~~outros~~ ^{outro,} seja em 2 ou 3 signos por oposição a 2 ou 3 outros etc. (SAUSSURE, 1891, *De l'essence double du langage*, f. 26 – 4).

No trecho acima, vemos claramente um vínculo entre a noção de sistema e as relações de sinonímia, as quais já eram evidenciadas nos trabalhos dos estudiosos da linguagem do século XVIII. No entanto, Saussure não se limita a afirmar que essa relação de sinonímia seja estabelecida apenas entre as palavras sinônimas de uma determinada língua. Para ele, essa relação ocorre em qualquer sistema de signos, uma vez que os elementos componentes desses sistemas são dependentes da relação

opositiva que deve ser instituída entre eles para que possam se constituir, e para que permitam o funcionamento adequado do sistema que compõem.

Ao expandir as relações de oposição para todos os elementos componentes não só do sistema linguístico, mas dos sistemas de signos em geral, Saussure se prontifica a estabelecer uma relação de continuidade teórica, ao mesmo tempo em que dá um passo à frente de seus antecessores que se dedicavam ao estudo da língua enquanto sistema¹⁸, a fim de evidenciar, sobretudo, as relações de sinonímia. A respeito da questão que tange à relação de prosseguimento e ruptura entre a teorização saussuriana e a de seus antecessores, consideramos importante destacar também um último trecho, em que o linguista visa definir, primeiro de forma negativa, e depois positivamente, o que é o “sistema de uma língua”:

O sistema de uma língua não consiste, portanto:

Nem na coexistência de certas formas A, B, C, D,..., como o supõem inúmeras obras de linguística. Nem na coexistência de certas ideias

Como a b c d, no que ^{desde o primeiro momento} se é tentado a acreditar.

Nem na coexistência de ^{relações entre a forma e a ideia}, tais que a/A, b/B, c/C; o que indica, contudo, um certo progresso sobre o ponto de vista precedente: ao estabelecer a dualidade de cada termo.

~~Nem mesmo na união de certas ideias ^{resultantes} sobre a forma abc/A, E de certas formas ^{simultaneamente} sobre uma ideia como a/HHZ.~~

~~Mas esse sistema consiste em uma ^{com}pleta confusão de formas: no lugar ~~x~~ Escolhidos certa diferença de formas.~~

Mas esse sistema consiste em uma diferença ^{confusa} de ideias correntes sobre a superfície de uma diferença x de formas, sem que jamais, talvez, tal dizer, portanto, ~~tem~~ talvez 1 ~~certa ideia~~ diferença de 1ª ordem corres=^{ponde} exatamente a uma diferença da 2ª nem que uma diferença da 2ª corresponda uma [...] (SAUSSURE, 1891, *De l'essence double du langage*, f. 26 - 4).

Se analisarmos com atenção, podemos observar que as negações apresentadas por Saussure nesse trecho correspondem a uma das concepções de sistema já

¹⁸ A respeito da concepção de sistema de língua tomada pelos estudiosos da sinonímia, cf. Coelho (2015).

mostradas, no tópico destinado à relação entre o *Mémoire* e a noção de sistema. Quando o linguista afirma, no trecho do conjunto de manuscritos, que essa noção não consiste na “coexistência de formas”, é notável, mesmo de forma indireta, uma crítica à concepção de sistema adotada pelos estudiosos da Gramática Comparada. Isso porque, como mostramos no tópico anterior, Saussure foi pioneiro em estabelecer um sistema vocálico de forma negativa e relacional, uma vez que, ao que parece, os outros autores dos estudos comparatistas estabeleciam seus sistemas por meio da suposta identidade apriorística das vogais analisadas.

Além disso, vemos que Saussure nega também que o sistema da língua seja pautado na “coexistência de relações entre forma e ideia”. Tendo isso em vista, se considerarmos que, segundo Buyssens (1961, p. 20), a noção de sistema no *Mémoire* era pautada na reflexão de que “as alternâncias fônicas em uma mesma sílaba radical ou de sufixo” – ou formas – correspondiam às “alternâncias regulares no plano da significação” – ou ideias –, podemos notar que há uma semelhança entre esse tipo de sistema negado por Saussure e a concepção de sistema adotada em seu trabalho sobre as vogais das línguas indo-europeias. Assim, com essa negação, o linguista parece refutar também a própria concepção de sistema que fundamenta seu *Mémoire*. Apesar disso, ele mesmo admite que essa forma de considerar o sistema, quando comparada às formas anteriores, se trata, de certo modo, de um progresso.

Por fim, vemos que Saussure define o sistema de língua como as diferenças “confusas” de ideias sobre as diferenças de formas, sem que haja, necessariamente, correspondência exata entre essas ordens de diferenças. Com isso, é novamente possível identificar que a noção de representação das ideias pelas formas não se sustenta, configurando-se como uma marca da trajetória de elaboração da teorização de Saussure. A ideia que predomina, para além da terminologia, é a da existência de uma relação de combinação entre as diferenças dessas duas ordens de elementos.

Além disso, o modo como Saussure apresenta a disposição desses elementos em relação – indicada pelo uso da palavra “sobre” – evidencia, desde já, a representação do signo linguístico conhecida no *Curso de Linguística Geral* (significado/significante), mesmo que a terminologia utilizada seja distinta.

Dessa forma, considerando a análise dos momentos do conjunto de manuscritos *Da essência dupla da linguagem* em que a noção de sistema é tratada, é possível perceber que, assim como no *Mémoire*, essa noção mostra-se vinculada às noções de relação, negatividade e oposição. Todavia, mais do que isso, o sistema vincula-se também a outras noções saussurianas, tais como a de valor, diferença e estado de língua, bem como permite que seus elementos componentes – aqui, denominados de “formas” e “ideias” – existam no âmbito da língua, quando relacionados entre si – assim como ocorre no CLG. Ademais, diferentemente do *Mémoire*, no conjunto de manuscritos, o sistema é considerado não em uma abordagem específica das vogais de determinadas línguas, mas em um enfoque que considera o funcionamento geral e próprio do objeto “língua”.

Esse enfoque é reincidente nas elaborações saussurianas acerca da Linguística Geral, sendo também notado em outros documentos que atestam a teorização de Saussure. Por isso, consideramos pertinente buscar de que modo a noção de sistema é estabelecida no conjunto de manuscritos preparatórios para o terceiro curso ministrado pelo linguista na Universidade de Genebra, intitulado *Notas para o curso III*. Essa busca nos auxiliará a vislumbrar o movimento¹⁹ de Saussure na constituição de sua noção de sistema, bem como evidenciará algumas das marcas que compõem o processo de elaboração das reflexões saussurianas.

¹⁹ Com este termo (“movimento”), remontamos ao trabalho de Silveira (2007).

4. O sistema e o Terceiro Curso de Linguística Geral

O conjunto de manuscritos *Notas para o curso III* não é datado, mas, de acordo com Gambarara (2005, p. 31), pode-se considerar que essas notas foram escritas antes de cada aula ministrada por Saussure, ou seja, durante os anos de 1910 e 1911. No total, o conjunto é composto por 56 folhas manuscritas, as quais podem ser divididas em duas grandes partes: a primeira, composta pelas primeiras 31 folhas, é destinada a tratar da diversidade de línguas e da linguística geográfica; a segunda, composta pelas 25 folhas restantes, trata da dualidade da linguística e dos aspectos concernentes à língua. Nota-se que há mais folhas referentes ao conteúdo obrigatório do curso, isto é, ao conteúdo exposto na primeira parte, do que à contribuição original de Saussure. No entanto, é nesta parte que encontramos o tratamento dado por Saussure à noção de sistema.

Desse modo, iniciaremos nossa busca pelo modo como o sistema é tratado nesse conjunto de manuscritos, destacando dois trechos componentes dessa segunda parte, nos quais a noção de sistema parece se relacionar às mudanças da língua:

[Tomando a língua] Não há nada à 1ª vista que impeça de conceber a língua como ~~1 sistema puramente~~ lógico, porque o signo é arbitrário, e à disposição [...].

O fato da massa falante não muda por si só as coisas a não ser no sentido psicológico-lógico, mas não mostra imediatamente [...].

Mas quando intervém o ~~Duração~~ Tempo combinado com o fato da psicologia social é então que nós sentimos que **a língua não é livre**, a massa falante X Tempo (SAUSSURE, *Notes pour le cours III*, 1910-1911, f. 37).

Como o signo ling. é de natureza arbitrária parece que ~~a língua~~ nada impede de [...] à 1ª vista

Um sistema livre depende apenas de princípios lógicos, e como uma ciência pura as relações abstratas [...] O fato da massa falante o impede?

Não precisamente, tanto que ele é tomado somente por psicológico-lógico (SAUSSURE, *Notes pour le cours III*, 1910-1911, f. 38, grifos nossos).

Nota-se que a hesitação de Saussure em utilizar o termo “sistema” no primeiro trecho, indicada pela rasura, não evita que ele conceba a língua como lógica, nem que estabeleça uma relação entre esse seu caráter lógico e o fato de o signo linguístico ser arbitrário. Nesse sentido, o linguista parte desses dois aspectos característicos do objeto da Linguística para mostrar que, embora a língua seja lógica, o signo linguístico seja arbitrário e, por conseguinte, o falante tenha, de modo restrito, uma autonomia sobre ela, a massa falante, por si só, não pode mudar os fatos linguísticos. Eles só se modificam quando o tempo soma-se à ação da massa falante.

Tendo isso em vista, é perceptível que Saussure, embora considere a língua como um sistema e também a classifique dentre os fatos sociais – uma vez que considera a massa falante em suas reflexões – não a reduz a uma instituição social comum, visto que leva em conta, ainda, a ordem própria desse objeto. Essa ordem própria, a nosso ver, ancora-se no fato de que a língua é uma instituição que, ao contrário de outras convenções sociais, não pode ser modificada unicamente por meio de, por exemplo, um decreto, ou de uma lei aprovada por instituições oficiais. Dito de outro modo, a língua não pode se modificar exclusivamente pela vontade de seus falantes, mesmo que a massa falante consista em uma condição imprescindível para que as modificações linguísticas ocorram.

Outro fator que consideramos válido ressaltar, tendo em vista os fragmentos apresentados, é o fato de que a noção de sistema mostra-se importante no âmbito da língua por se vincular de forma intrínseca à noção de valor. Pelo que se pode notar, embora o termo “valor” não seja diretamente mencionado, parece ser ele que, em conjunto com o caráter arbitrário do signo, constituiu o aspecto que permite o estabelecimento dos princípios lógicos da língua. Isso faz com que ela possa ser considerada, segundo o que é afirmado por Saussure no último fragmento apresentado acima, como um sistema, apesar de negar que tal sistema seja livre, ou seja, puramente lógico – fato que também contribui para outorgar a ela uma ordem

própria. Essa relação entre as noções de sistema e de valor pode ser evidenciada mais claramente no seguinte trecho:

[eu me corrijo] que já com a Economia política embora em um menor grau do que com a Linguística, se está diante do Valor (ipso facto: sistema de valores, pois todo valor implica um sistema de valores). Ora é uma coisa muito notável que se tenha sido levado praticamente a ~~ver~~ experimentar mesmo sem querer, já em uma 1ª ciência de valores, a impossibilidade ~~ao menos prática~~ de confrontar esses dois objetos: o sistema de valores tomado em si (ou em 1 momento), e o sistema de valores segundo o tempo. (SAUSSURE, *Notes pour le cours III*, 1910-1911, f. 35).

Como é possível notar, Saussure percebe que há uma relação entre o modo de se considerar os objetos de estudo da Linguística e da Economia, uma vez que em ambas as ciências se é compelido a lidar com um **sistema de valores**. Nesse sentido, é conveniente ressaltar a observação do linguista de que “todo valor implica um sistema de valores”, ou seja, não há possibilidade de haver nenhum tipo de valor a não ser que este seja considerado sob a ótica de um sistema. Além disso, Saussure destaca que as ciências cujos objetos vinculam-se diretamente à noção de valor e, portanto, à de sistema, enfrentam a impossibilidade de considerá-los a partir de um único ponto de vista.

Logo, seus objetos parecem estar fadados, pelo fato de se relacionarem a um sistema de valores, a ser analisados sob dois pontos de vista distintos: i) o que é pautado em um momento dado; ii) e o que é concebido ao longo do tempo ou historicamente. Nota-se, assim, que há uma divisão, não só da Linguística, mas de todas as ciências que trabalham com valores, entre o que é denominado, no *Curso de Linguística Geral*, como visão sincrônica e diacrônica do objeto de estudo. A ideia de sincronia, que se mostra também presente como possibilidade de abordagem científica no conjunto de manuscritos *Da essência dupla da linguagem*, aparece nas *Notas para o curso III*, ao lado da noção de diacronia, no entanto, sem que se questione sua cientificidade.

Com isso, vemos que, no conjunto de manuscritos *Notas para o curso III*, a noção de sistema é parte constituinte, principalmente, do processo de elaboração do princípio do valor linguístico e das noções a ele relacionadas. Esse processo de elaboração está registrado, sobretudo, nas duas folhas que compõem o capítulo²⁰ intitulado “O valor linguístico”, do conjunto de manuscritos. Saussure inicia a abordagem específica desse princípio afirmando que há uma condição inseparável de todo valor. Entretanto, essa condição é apresentada, rasurada e retomada, como podemos ver no fragmento a seguir:

O que é inseparável de todo valor, é fazer parte de uma ~~sistema~~ série justaposta de grandezas que formam um sistema.
 Ou o que faz o valor,
 Não é ^{nem}: a) ser inseparável de uma série de grandezas oponíveis que formam um sistema
^{nem} em b) ter [...]
 Mas as duas coisas ao mesmo tempo e inseparavelmente por sua vez ligadas entre elas.
 Mas encontrar ~~composta~~ sua determinação AO MESMO TEMPO ~~não em um sistema~~ em um sistema = série comparável de grandezas de mesma ordem ~~e não em~~ em um [...] (SAUSSURE, *Notes pour le cours III*, 1910-1911, f. 27).

A quantidade de rasuras, brancos e retomadas presentes no trecho acima evidencia, tal como aponta Silveira (2007), a tensão que permeia esse momento da elaboração saussuriana. Mesmo assim, em meio a esses aspectos formais que constituem o trecho mencionado, é notável que a noção de sistema constitui a condição proposta de ser inseparável do valor, uma vez que Saussure afirma que esse princípio deve fazer parte de uma “série justaposta de grandezas que formam um **sistema**”. Contudo, como podemos observar no fragmento, ao que parece, Saussure considerou primeiramente afirmar que tal condição fosse que o valor

²⁰ Há, nesse conjunto de manuscritos, um capítulo, cujo título “O valor linguístico” é indicado pelo próprio Saussure, destinado a tratar exclusivamente do princípio do valor na língua.

fizesse parte simplesmente de um sistema. No entanto, a palavra em questão foi veementemente rasurada e substituída pela expressão que a segue – “série justaposta de grandezas que formam um sistema” –, a qual também foi rasurada pelo linguista.

No parágrafo seguinte a esse fragmento, Saussure retoma a primeira frase da folha e a continua, desconsiderando, *a priori*, as partes abandonadas. Assim, na frase posterior ao primeiro trecho rasurado, Saussure adiciona que não se refere apenas às condições inseparáveis do valor, mas também aos aspectos que o constituem, isto é, que o fazem. Logo, para expor o primeiro aspecto, o linguista retoma a ideia central da condição apresentada como inseparável do valor no primeiro parágrafo (indicada em a)), ou seja, “ser inseparável de uma série de grandezas oponíveis que formam um sistema” e, em seguida, indica a existência de um segundo aspecto, que não chega a ser explicitado (indicado em b)):

Ou o que faz o valor,
 Não é ^{nem}: a) ser inseparável de uma série de grandezas oponíveis que
 formam um sistema
^{nem} ~~em~~ b) ter [...]
 Mas as duas coisas ao mesmo tempo e inseparavelmente ~~por sua vez~~
 ligadas entre elas. (SAUSSURE, *Notes pour le cours III*, 1910-1911, f. 27).

Contudo, é importante ressaltar que a simples existência desses dois aspectos não é suficiente para que o valor exista. Para tal, é necessário que eles ocorram concomitantemente e que sejam “inseparavelmente ligados entre si”. Além disso, no último trecho do fragmento, observamos que Saussure apresenta outra definição das condições necessárias para o valor, a qual, por ser iniciada com a conjunção “mas”, assemelha-se à anterior. No entanto, essa nova proposta de definição é visivelmente abandonada, devido à existência de rasuras. Trata-se da seguinte sentença:

Mas encontrar ~~composta~~ sua determinação AO MESMO TEMPO ~~não em um sistema~~ em um sistema = série comparável de grandezas de mesma ordem ~~e não em~~ em um [...] (SAUSSURE, *Notes pour le cours III*, 1910-1911, f. 27).

Nessa delimitação, assim como na primeira rasura do fragmento apresentado, o linguista parece hesitar em afirmar que o valor encontra sua determinação em um sistema, hesitação esta que é indicada pela rasura. Isso pode ser notado pelo fato de que primeiramente é afirmado que a determinação do valor é encontrada “não em um sistema”, o que é rasurado e substituído por um inciso que apresenta justamente a ideia contrária: “em um sistema = série comparável de grandezas de uma mesma ordem”. No entanto, vemos que, embora a ideia apresentada no inciso seja contrária à ideia primeiramente apresentada e rasurada, ou seja, apesar de Saussure optar por afirmar que a determinação do valor é encontrada no sistema, o linguista, assim como no primeiro trecho rasurado, iguala sistema a uma série de grandezas. Tendo isso em vista, parece haver uma incerteza no que concerne à utilização do termo em questão, visto que ele aparece constantemente rasurado e há sempre a necessidade de defini-lo.

Ainda, ressaltamos que todas essas tentativas de definições se referem a apenas um dos dois aspectos e condições que fazem o valor, visto que a segunda condição, até então, não foi apresentada. Ora, se a existência **simultânea** desses dois aspectos é requisito fundamental para que haja valor, então, para entender o funcionamento desse princípio, torna-se indispensável conhecer ambos os elementos que o constituem. Dessa forma, no parágrafo seguinte, Saussure parece finalmente revelar o segundo aspecto constituinte do valor, como podemos ver no fragmento a seguir:

Valor é, ~~na verdade~~, eminentemente sinônimo a cada instante de termo situado em um sistema de termos similares, do mesmo modo que é, ~~na verdade~~ ~~também~~ ~~na verdade~~, eminentemente sinônimo a cada instante de coisa trocável, [certo um X objeto X é o que faz de tempo X]
 Não há nele um ponto [...] Tomando a coisa trocável de fato ~~X os termos adjacentes ao val~~ de outro os termos co-sistemáticos, que não oferecem nenhum parentesco.

É próprio do valor colocar em relação essas duas coisas. Ele as coloca em relação de uma maneira ^{que é até} ~~tal que se pode desafiar, que se pode dizer~~ ^{desesperadora} ~~perigosa para~~ o espírito pela impossibilidade de investigar se essas duas faces do valor diferem ^{por elas}, visto ^{em que}, a única coisa ^{indiscutível} ~~certa~~ ^{evidente} é que o valor se encontra nesses dois eixos, é determinado segundo esses dois eixos concorrentes: (SAUSSURE, *Notes pour le cours III*, 1910-1911, f. 27).

Nesse trecho, Saussure apresenta o valor tanto como sinônimo de “termo situado em um sistema de termos similares”, como também de “coisa trocável contra um objeto dissimilar”. Assim, uma vez que a noção de sistema já havia sido apresentada como elemento *sine qua non* para o valor linguístico, fica claro que a segunda condição para a existência desse princípio consiste no fato de que ele pode ser trocado por um objeto dissimilar. Eis, então, que as duas condições imprescindíveis que fazem o valor são, por fim, apresentadas: o valor deve fazer parte de um sistema – ou de uma série de grandezas que formam um sistema – e seus termos componentes devem apresentar a possibilidade de ser trocados por um elemento similar.

Além disso, percebemos que, nos trechos iniciais, Saussure considera o sistema primeiramente como “série justaposta de grandezas” e como “série de grandezas oponíveis”, sempre hesitando a respeito da utilização do termo “sistema” propriamente dito. No entanto, nesse último trecho, a palavra em questão não aparece rasurada e, ainda, é seguida de um inciso que caracteriza seus componentes como “termos similares”. Desse modo, se considerarmos também as definições de sistema expostas anteriormente, vemos que Saussure apresenta o valor como sinônimo de sistema de termos justapostos, oponíveis e similares, os quais podem ser trocados por uma coisa dessemelhante.

Assim, com essa análise da noção de sistema nas *Notas para o curso III*, é possível notar que há, para Saussure, uma necessidade não apenas de caracterizar o termo “sistema”, mas também e, principalmente, uma necessidade de **defini-lo**.

Essas definições compõem majoritariamente a parte do conjunto de manuscritos destinada a tratar do princípio do valor linguístico e se fundamentam na aproximação do sistema a uma “série justaposta de grandezas oponíveis”.

Essa delimitação do sistema enquanto uma “série” não consiste em uma característica exclusiva das *Notas para o curso III*. No CLG, ele também é definido de tal forma, o que evidencia uma semelhança importante na abordagem do processo de elaboração da noção de sistema. Todavia, diferentemente da edição, no conjunto de manuscritos, Saussure afirma que o sistema é formado por “termos similares” (cf. SAUSSURE, 1910-1911, f. 27). Tal afirmação poderia colocar em xeque a noção de diferença, que se mostra fundamental à noção saussuriana de sistema desde as elaborações do linguista presentes no *Mémoire*. No entanto, pautamo-nos na característica de incompletude, bem como na inexatidão da terminologia nele apresentada nos manuscritos saussurianos – com mais força do que no CLG, dado o propósito de cada material –, para evidenciar que adjetivar os termos do sistema de similares, ao que parece, diz respeito mais ao modo de funcionamento de sua delimitação, ou seja, à semelhança do modo como são constituídos, do que à possível existência de características próprias a eles, que os definem.

5. Considerações finais

Como vimos no decorrer deste artigo, as noções de diferença, relação, oposição e negatividade imperam desde muito cedo na concepção de sistema tomada por Saussure. Seu trabalho em Gramática Comparada se diferencia de outros efetuados na mesma época, justamente pelo fato de o linguista ter optado por desenvolver uma análise a partir de uma ótica que levava pouco em conta qualquer traço de substância fônica e de significação. Essa noção de sistema, mesmo que fosse pautada em uma análise de línguas e de famílias de línguas, já evidenciava traços que compõem a noção de sistema da língua – enquanto objeto de estudo de uma ciência.

Os conjuntos de manuscritos analisados em nosso trabalho (*Notas para o curso III e Da essência dupla da linguagem*), apesar de possuírem especificidades, são os documentos em que os aspectos formais que evidenciam a trajetória de elaboração de Saussure mostram-se potencializados. Observamos que principalmente os contrassensos, ou seja, as formulações e reformulações presentes em cada conjunto de manuscritos consistem no principal aspecto que contribui, paradoxalmente, para que a teorização do linguista percorra uma trajetória consistente. Além disso, juntamente com as outras marcas, como as flutuações terminológicas e as contestações acerca das teorizações sobre a língua dos outros linguistas, os contrassensos indicam também a tensão que envolve a trajetória de elaboração de conceitos, princípios e da própria teorização de Saussure.

Assim, ao mesmo tempo em que cada tipo de documento apresenta pontos de contraste entre si, eles também se complementam no testemunho do caminho percorrido por Saussure em seu processo de reflexão. Isso evidencia uma intersecção entre esses documentos distintos. Tal como ressalta Silveira (2007, p. 81), há um nó que liga esses diferentes trabalhos de Saussure, o qual só se sustenta pela existência de cada elaboração. Nesse sentido, se um dos elementos que compõem o nó se desfaz, a nodulação se desfaz por completo. Não há, portanto, hierarquização desses documentos.

É justamente essa teorização que perpassa reflexões sobre a língua a partir de diferentes pontos de vista que faz com que a noção saussuriana de sistema possa contribuir para que haja, ao mesmo tempo, um prosseguimento e uma reviravolta nos estudos da linguagem. E, mesmo que a teorização de Saussure não fosse necessariamente voltada para uma fundação, foi essa reviravolta, em conjunto com o prosseguimento de alguns fatores essenciais dos estudos da época, que fez com que, mais tarde, a Linguística viesse a ser reconhecida como uma ciência moderna.

Referências Bibliográficas

AERSLEFF, H. **From Locke to Saussure: essays on the study of language and intellectual history**. London: Athlone, 1982.

BALLY, C.; SECHEHAYE, A. Prefácio à primeira edição. In: SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BUYSSENS, E. Origine de la linguistique synchronique de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genève, n. 18, p. 17-33. Droz, 1961.

CANDAUX, J.-D. Ferdinand de Saussure: linguiste a quatorze ans et demi. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genève, n. 29, p. 7-12. Droz, 1914-1975.

CHIDICHIMO, A.; GAMBARARA, D. Trois chapitres de "l'essence double du langage". **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genève, n. 61, p. 113-129. Droz, 2008.

COELHO, M. P. **A noção de sistema na fundação da Linguística Moderna**. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2015.

DAVIES, A. M. Saussure and Indo-European linguistics. In: SANDERS, C. (Org.). **The Cambridge Companion to Saussure**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 9-29.

GAMBARARA, D. Un texte original: Présentation des textes de F. de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genève, n. 58, p. 29-42. Droz, 2005a [2006].

JOSEPH, J. E. **Saussure**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

MEJÍA QUIJANO, C. **Le cours d'une vie**. Portrait diachronique de Ferdinand de Saussure. Éditions Cécile Defaut, 2008.

NORMAND, C. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, [2000] 2009. 184 p. (Coleção Figuras do Saber).

SAUSSURE, F.; AMACKER, R. (org). **Science du langage – De la double essence du langage**. Genève: Librairie Droz, 2011.

_____. Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes, Leipzig : B. G. Teubner, [1879] 1879. In : C. BALLY ; L. GAUTIER (Orgs.). **Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure**. Genève: Librairie Payot & Cie, 1969.

_____. Notes pour le cours III. In: **Papiers Ferdinand de Saussure, 3951 – 22**. Bibliothèque de Genève, 1910-1911. 56 f.

_____. De l'essence double du langage. **AdeS 372**. Bibliothèque de Genève, 1891. 372 f.

_____. **Cours de Linguistique Générale** – Édition critique préparée par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1967.

_____. **Cours de Linguistique Générale**. Édition critique par Rudolf Engler (Tome 1). Wiesbaden: Harrassowitz, 1968.

_____. **Curso de Lingüística Geral**. Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27^a Ed. São Paulo: Cultrix, 2006. *Cours de linguistique générale*. Charles Bally e Albert Sechehaye (org.), com a colaboração de Albert Riedlinger, [1916].

Artigo recebido em: 25.05.2017

Artigo aprovado em: 11.10.2017